

*Coleção* **anamaria  
machado**



*Coleção* **anamaria  
machado**





# *O canto da praça*

**Ilustrações**

*Alexandre Coelho*

*O canto da praça*

© Ana Maria Machado, 2001

*Diretor editorial*

Fernando Paixão

*Editora*

Carmen Lucia Campos

*Editor assistente*

Roberto Homem de Mello

*Coordenadora de revisão*

Ivany Picasso Batista



ARTE

*Projeto gráfico*

Victor Burton

*Editora*

Suzana Laub

*Editor assistente*

Antonio Paulos

*Editoração eletrônica*

Ana Paula Brandão

*Edição eletrônica de imagens*

Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M129c

Machado, Ana Maria, 1941-

O canto da praça / Ana Maria Machado ; ilustrações

Alexandre Coelho. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2002.

112p. : il. - (Coleção Ana Maria Machado)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-08164-6

1. Literatura juvenil. I. Coelho, Alexandre. II. Título. III.

Série.

08-2325.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 08164-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 08222-3 (professor)

2012

1ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2002

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

Há várias maneiras de defender uma ideia. Uma delas pode ser contando uma história. É o que acontece neste livro. Ao narrar as aventuras do mago-sábio-artista Simão e dos trios de jovens que ele encontra através dos tempos, *O canto da praça* levanta a bandeira da convivência pacífica de modos diferentes de pensar.

Essa mensagem atravessa todo o livro e pode ser enxergada até na diversidade de atrativos que ele contém. Quem gosta de ação terá uma mistura de muitos elementos: viagens no tempo, histórias de amor, transformações de personagens, solução de enigmas, cenas insólitas...

Aqueles que preferem apreciar o estilo e o trabalho com a linguagem se deliciarão a cada frase desta narrativa original.

E quem considera mais importante a opinião por trás de tudo o que foi escrito encontrará aqui um recado claro: não basta falar da paz e da tolerância. Bem mais que isso, defende Ana Maria Machado, é preciso tomar uma atitude decidida em favor desse ideal.

Escrito e lançado na década de 1980, o livro traz referências à Guerra Fria, ainda em pleno vigor naquele momento. De lá para cá, o noticiário mudou um pouco. Mas outras guerras, ardentes, teimosas e cotidianas, fazem com que estas páginas continuem atualíssimas e urgentes como nunca.

*A  
quem não perde  
a esperança  
mas prefere  
o exemplo  
da pomba ao  
do avestruz*

“Porque a praça é do povo  
como o céu é do condor.”

*(Castro Alves — poeta brasileiro do século XIX)*

“A Praça Castro Alves é do povo  
como o céu é do avião.”

*(Caetano Veloso — poeta brasileiro do século XX)*

“A Praça Caetano é do povo  
como o céu é do exocet.”

*(poeta desconhecido do século XXI)*





# Sumário

---

1. *Tempo de antes* 15
2. *Tempo de depois* 51
3. *Tempo de agora* 83

**anamariamachado**, *com todas as letras* 101

*Biografia* 102

*Bastidores da criação* 106





GRDSMNHJKLCAUJERT  
ZXCSAQWENBHGTYI  
JEP  
LJGPV  
JFMV  
OTS  
YA  
P  
Y  
FORDOMNII  
LOIUYTRREWSDZXC  
SAQWENBHGTYI  
FEDSCXSAW  
LOIUYTRREWSDZXC  
SAQWENBHGTYI

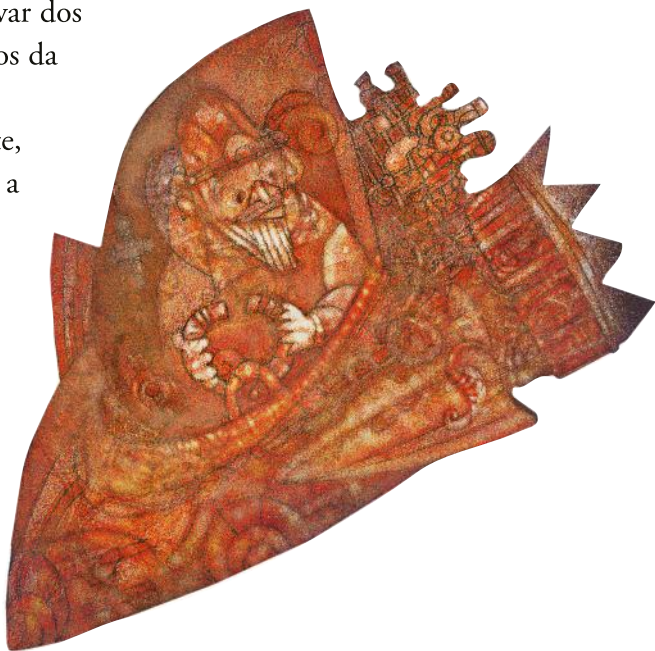
---

As palavras podem ser tudo.

Estas, por exemplo, são um espelho onde se olha o livro por dentro, a história da história.

Mas não foi com palavras que ele começou. Tudo o que agora está aqui em suas mãos, e pode ser lido, estava, primeiro, trancado e muito bem trancado numa caixa de concreto revestido de chumbo. Uma dessas caixas que as pessoas enterravam com coisas que queriam salvar dos efeitos destrutivos da

radioatividade.  
E, evidentemente, estava enterrado a vários metros de



profundidade. A expedição que resgatou esse material era formada por curiosos, de boa vontade, mas sem qualquer conhecimento arqueológico especializado. Por isso, não chegaram a anotar direito o local de sua descoberta, que permanecerá ignorado para sempre.

Outra coisa que também nunca foi devidamente esclarecida a respeito desse achado é a sua época. É claro que tudo foi cuidadosamente estudado. Quando a caixa chegou, os sábios foram chamados a examiná-la e resolveram levar tudo — caixa e conteúdo — para seus gabinetes de trabalho, para que pudessem analisar a descoberta com todos os recursos de que dispõem. Fizeram os testes de carbono, carvão, açúcar e diamante. Mas os resultados foram, no mínimo, desconcertantes. Acabaram chegando à conclusão de que havia objetos de épocas tão distintas que se tornava impossível precisar a ocasião exata em que tinham sido enterrados.

Na caixa havia recortes de jornal, velhos pergaminhos, máscaras de carnaval, um filme de Carlitos, uma flauta de madeira, uma caixa de lápis de cor, sapatilhas de balé, um lenço bordado, um violino, um sintetizador, um cavalo de carrossel, um cocar de índio, uma máquina fotográfica, uma caixinha de música, revistas em quadrinhos, uma pombinha de barro.

Na tentativa de compreender o significado de todos esses objetos, os sábios consumiram semanas em ininterruptas discussões e especulações. Como não chegaram a nenhuma conclusão, decidiram introduzir todo o conteúdo da caixa, além da própria embalagem, numa engenhoca fantástica que estão desenvolvendo, uma espécie de